

I – SINOPSE

O romance *A Cidade e as Serras*, publicado em 1901, é desenvolvimento do conto “Civilização”, de Eça de Queirós. Uma personagem, José (“Zé”) Fernandes, relata a história do protagonista Jacinto de Tormes. Na composição são destacados os episódios diretamente relacionados com a personagem principal, ficando os fatos da história de Zé Fernandes apenas como elos da história vivida por Jacinto. Desde o início, o narrador apresenta um ponto de vista firme, depreciando a civilização da cidade.

Na primeira parte da narrativa, Zé Fernandes justifica sua aproximação de Jacinto (o “Príncipe da Grã-Ventura”), ligando-se a ele por amizade fraternal em Paris. Jacinto nascera e sempre morara em um palácio, nos Campos Elíseos, número 202. A mudança de sua família de Tormes, Portugal, para Paris deveu-se a seu avô Jacinto Galião. Seu neto, ao contrário do pai, que morrera tuberculoso, foi sempre fisicamente forte e, além de rico, era inteligente, voltando toda sua atividade para o conhecimento. Mas detestava o campo e amontoara em seu palácio, em livros, toda a conquista das filosofias e ciências, além dos aparelhos tecnicamente mais sofisticados da época. E, para Jacinto, “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”.

Zé Fernandes era decididamente contrário a essa orientação tecnicista e mecanizada e vai registrando como Jacinto rompe totalmente com seu passado campesino, deteriorando-se na cidade. A regeneração só ocorrerá com uma atitude assumida por Jacinto, já na segunda parte da narrativa – nas serras.

Um dia Jacinto, enfasiado da vida urbana, participa a Zé Fernandes sua partida para Portugal, a pretexto de reconstruir sua casa em Tormes, deslocando para lá os confortos do palácio. Entretanto, o criado Grilo perde-se com as bagagens, que, por engano, foram remetidas para Alba de Tormes, Espanha. Assim o supercivilizado Jacinto chega a Tormes apenas com a roupa do corpo.

Em contacto estreito com a natureza, Jacinto renova-se, primeiro liricamente, numa atitude de encantamento, integrando-se depois na vida produtiva do campo, quando aplica seus conhecimentos técnicos científicos à situação concreta de Tormes.

Sem romper totalmente com os valores da “civilização”, Jacinto adapta o que pode ao campo, mas preservando a simplicidade e praticidade da vida no lugar. Modernizam-se dessa forma as serras, algumas reformas sociais, destinadas a melhorar a vida dos miseráveis camponeses, são introduzidas e a produtividade aumenta. Ao príncipe da Grã-Ventura, só faltava um lar, o que ocorre em seguida, por meio de seu casamento com a prima de Zé Fernandes, Joaninha. Assim completamente feliz, no cotidiano das serras, Jacinto não mais volta a Paris, e esquece as companhias parisienses, como do grã-duque Casimiro, a condessa de Tréves, o conde de Tréves, o banqueiro judeu Efraim, madame Oriol e outros.

[Benjamin Abdala Jr.; *Eça de Queirós*, Nova Cultural]

II – A “EQUAÇÃO METAFÍSICA”

SUMA CIÊNCIA x SUMA POTÊNCIA = SUMA
FELICIDADE

“O homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”, entendendo-se isto assim: só o homem que domina toda a ciência e a filosofia acumuladas ao longo da história e sabe fazer uso dos progressos técnicos alcançados pelo conhecimento pode gozar e aproveitar a vida ao máximo. *Saber e poder* proporcionam *felicidade*.

III – ROMANCE DE TESE: CONFRONTOS

PARIS [cidade, civilização, cultura]

X

TORMES [serras, Portugal, natureza]

- 70000 livros X poucos volumes.
- Mesa de vários talheres; comida sofisticada X mesa simples, comida caseira.
- Complexos rituais de higiene e vestuário X simplicidade no viver.
- Alienação X caridade
- Palacete 202: excesso de tecnologia (que sempre traz problemas), termina decadente e abandonado X Solar de Tormes: abandonado e caindo aos pedaços de início, torna-se, revivido, o “Castelo da Grã-Ventura”.

A vida no campo é superior à vida nas grandes cidades, que iludem e desumanizam seus habitantes.

IV – JACINTO: SIMBOLOGIA

Jacinto, na mitologia grega, era o nome de um rapaz de rara beleza, amado por muitos deuses, principalmente por Apolo (deus da beleza, da música e da poesia), que o protegia. Certo dia em que os deuses se divertiam praticando esportes, Apolo lançou o disco e o deus dos ventos, Zéfiro, com ciúmes da relação entre Jacinto e Apolo, fez com que ele desviasse e acertasse a cabeça do jovem, matando-o. Apolo, como homenagem a Jacinto, imortalizou-o na forma de uma flor que leva o seu nome, uma espécie de lírio. Assim também Jacinto de Tormes, o personagem principal de *A Cidade e as Serras*, é amado pela bela e culta Paris, mas esta, sem que ele perceba, quase lhe tira a vida. Ou melhor: é preciso que o Jacinto de Paris realmente morra e retorne à terra (como as flores...) apenas com a roupa do corpo e sem conhecimentos, para renascer mais belo e forte.

Jacinto tem tudo para ser feliz mas não é: falta-lhe algo em que se fixe seu pensamento, algo que possa permanecer no seu espírito. A Paris que ele julga ideal não pode lhe fornecer isto: lá nada permanece, tudo é moda, tudo é fingimento e ilusão. É necessário que o destino estremeça a terra de suas raízes, desenterre os caixões e ossos de seus antepassados, para que ele se livre desta ilusão que é como a morte e, ao voltar a Portugal para cumprir a formalidade de dar descanso aos restos mortais de seus avós, encontre também o seu repouso e o seu destino. Em Portugal ele pode fixar suas raízes: lá estão sua terra e seu povo que há séculos não mudam, está a comida que é sua seiva. Seu pensamento pode descansar na paisagem das serras e dos céus infinitos e seu corpo, no acolhimento da natureza

V – OS ESTILOS

- **REALISMO** – crítica irônica à alienação da elite portuguesa e ao imoralismo e decadência da civilização do fim do século; detalhismo nas descrições.
- **NATURALISMO** – romance de tese; zoomorfismo (animalização de alguns personagens); uso de um vocabulário grosseiro (em algumas passagens); apelo ao grotesco nas caricaturas.
- **IMPRESSIONISMO** – técnica artística em que a realidade é expressa a partir da apreensão sensorial imediata; presente principalmente nas descrições de paisagens, associadas ao estado psicológico dos personagens – prática comum em *Eça de Queirós*.

VI – VISÃO DE PORTUGAL: NOBREZA, PATRIOTISMO E ASSISTENCIALISMO

Em *A cidade e as serras*, Eça de Queirós expõe, a partir da história de Jacinto, uma opinião bastante clara sobre a aristocracia portuguesa e seu papel histórico.

Para ele, a tradicional nobreza aristocrática portuguesa, que desde a ascensão do liberalismo no início do século XIX, abdicara de uma atuação histórica e alienara-se no estrangeiro e no desfrute de suas rendas, devia retomar um papel ativo no desenvolvimento de Portugal. Ela devia empregar suas energias na reconstrução da vida rural do país, modernizando a agricultura e exercendo um assistencialismo humanitário que melhorasse a vida dos camponeses miseráveis – figurino que Jacinto veste à perfeição ao final da narrativa.

VII – FIQUE DE OLHO

- Jacinto é um representante da crença do século XIX no progresso e no conhecimento como meios para o homem atingir a felicidade plena.
- O romance retrata – indiretamente – um momento capital da história: a chamada *Belle Époque*, que vai do final do século XIX até a I Guerra Mundial. Inovações tecnológicas como o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, a bicicleta, o automóvel e o avião inspiravam novas percepções da realidade. Com seus cafés-concertos, balés, operetas, livrarias, teatros, *boulevards* e alta costura, Paris era considerada o centro produtor e exportador da cultura mundial; onde a cada dia novas formas de manifestações artísticas floresciam (como o Impressionismo e a Art Nouveau). Mudanças comportamentais importantes acontecem, por exemplo uma reforma nos padrões de comportamento feminino e o surgimento de uma moralidade menos conservadora. Mas esta é também uma época em que se tornam mais agudas as lutas sociais; os trabalhadores se organizam, o Socialismo cresce. Crises profundas estavam sendo geradas na política internacional, desaguando na violência da I Grande Guerra Mundial.